



ASPECTOS BIOLÓGICOS DO CARDEAL, *PAROARIA CORONATA*

Dionisio Link

Fábio Moreira Link

CCR/UFSM. Cidade Universitária. Camobi. CEP 97105 - 900 Santa maria, RS. email: dlink@smail.ufsm.br

INTRODUÇÃO

O cardeal, *Paroaria coronata* (Aves: Emberizidae) é comum nas áreas abertas do centro, sul e oeste do Rio Grande do Sul, associado aos pomares e fragmentos de matas. Os adultos possuem cabeça e tope de cor vermelha e os imaturos são de cor laranja - avermelhados (Belton, 1994). Levantamentos prévios indicaram que o período reprodutivo do cardeal vai de novembro a março, com a fêmea pondo de quatro a cinco ovos por ninhada e com nascimento e desenvolvimento de até quatro filhotes, sendo mais frequente o sucesso de apenas dois imaturos até o abandono do ninho. Os filhotes acompanham os adultos por cerca de 30 dias e depois se reúnem em pequenos bandos nas bordas dos matos (Link, observações não publicadas).

OBJETIVOS

A constatação de elevado número de casais, capturando insetos em lavouras de soja, nos meses de janeiro e fevereiro de 2005 e 2006, motivou o presente trabalho.

MATERIAL E MÉTODOS

A maioria das propriedades rurais possui pequeno e médio porte, no município de Santa Maria-RS e apresentam atividade agrícola e pecuária. Os distritos de Santa Flora e de Boca do Monte possuem as maiores extensões territoriais e cerca de 50 a 70% das áreas são cultivadas, no verão com soja e arroz. Na quase totalidade das propriedades rurais existe pomares e pequenos capões de mato, nativo ou cultivado, onde são frequentes os casais de cardeal.

Durante o monitoramento fitossanitário de lavouras de soja, nos meses de janeiro e fevereiro de 2005 e de 2006, a presença de cardeais capturando lagartas foi avaliada, anotando - se, o comportamento de obtenção de alimentos, as idas e vindas até os ninhos, o número de vezes que faziam estes roteiros, o local dos ninhos, o número de filhotes que acompanhavam os adultos, a presença ou não de filhotes parasitos. As observações foram realizadas duas vezes por semana, durante três horas por ocasião, num trajeto de aproximadamente 25

km no distrito de Santa Flora e de 30 km no distrito de Boca do Monte.

Os dados obtidos foram tabulados e analisados estatisticamente.

RESULTADOS

Durante a fase dos filhotes implumes, os mesmos foram alimentados pelos adultos, com insetos e sementes. Em 2005, o deslocamento estimado entre o ninho e o local da coleta do alimento atingiu um máximo de 100m com uma frequência média de 8,2 viagens por hora de acompanhamento (30 horas de observação em cada local) e, em 2006 a distância máxima estimada foi superior a 300m e com uma média de 3,5 viagens por hora de avaliação (24 horas de observação em cada local), indicando que quanto maior a distância percorrida para a obtenção dos alimentos menor a quantidade fornecida aos filhotes.

A estiagem prolongada ocorrida em 2005 facilitou a ocorrência de fortes surtos localizados de lagartas nas lavouras de soja, o mesmo não se verificou em 2006, quando se constatou uma ocorrência generalizada e chuvas pesadas de forma irregular, obrigando o agricultor a utilizar o controle químico mais de uma vez para o combate às lagartas.

A ocorrência de chuvas pesadas, durante o período em que o filhote se encontra no ninho, favorece a incidência de doenças bacterianas, debilitando o mesmo e até causando sua morte. O excesso de umidade é causa frequente de epidemia em aves agrupadas e um filhote doente pode contaminar toda a ninhada.

A menor sobrevivência de filhotes no ano de 2006, nos dois locais, possivelmente esteja relacionada com a quantidade de alimento trazido pelos adultos, associada aos fatores meteorológicos adversos ocorridos neste ano. A presença de um filhote parasito, do chopim, *Molothrus bonariensis* (Aves Icteridae), também ajudou na redução do número de filhotes, pois é frequente o mesmo eliminar os outros filhotes da ninhada, devido a sua agressividade na disputa por alimento.

No ano de 2005, foram acompanhados 34 casais, no distrito de Santa Flora, com uma média de 2,91 filhotes, variando

de dois a cinco por ninhada (C.V. = 33,14%), enquanto que, no distrito de Boca do Monte, 28 casais foram estudados, com média de 1,24 filhotes/ninhada (C.V. = 32,52%) e amplitude de um a três filhotes. Neste período de criação não se verificou filhotes parasitos, ou seja, não foi constatada presença de filhotes do chopim: *M. bonariensis*, pássaro cuco que põe seus ovos no ninho de outras aves (Belton, 1994).

No ano de 2006, 25 casais foram avaliados, no primeiro local, com média de 2,11 filhotes/ninhada (C.V. = 70,91%), variando de zero a três, enquanto que no segundo local, foram acompanhados 29 casais com média de 1,07 filhotes/ninhada (C.V. = 88,15%) e amplitude idêntica ao primeiro local. Neste ano todos os casais sem filhotes, apresentaram um filhote “enxertado”, do chopim.

A média de filhotes, verificada no distrito de Santa Flora, em 2005, diferiu estatisticamente das médias do distrito de Boca do Monte e da média do mesmo local em 2006, provavelmente pela maior disponibilidade de alimento no verão de 2005. As médias de filhotes criados em Santa Flora, foram significativamente maiores que aquelas verificadas em Boca do Monte, nos dois anos, possivelmente pelas melhores condições ambientais existentes no distrito de Santa Flora, onde a presença de fragmentos de vegetação arbórea é muito

maior associada a uma menor presença do pássaro parasito, o chopim.

As precipitações ocorridas em janeiro e fevereiro de 2006 trouxeram uma elevação substancial da umidade relativa do ar, facilitando a disseminação de doenças epidêmicas nos filhotes podendo explicar, pelo menos parcialmente, a redução no número médio de filhotes neste ano. Em alguns ninhos examinados, a presença de fezes brancas na borda dos mesmos, indicou a ocorrência de diarreias nos imaturos, enfraquecendo os mesmos e até causando sua morte.

CONCLUSÃO

A sobrevivência de filhotes do cardeal, *Paroaria coronata*, está condicionada a quantidade e qualidade dos alimentos trazidos pelos pais e associada a maior ou menor quantidade de chuvas e de umidade do ar durante a fase de desenvolvimento antes do abandono do ninho.

REFERÊNCIAS

Belton, W. Aves do Rio Grande do Sul. S. Leopoldo: Unisinos, 1994. 584p.